



O SONHO DE SER MÃE

Edição 3 | volume 01

Aline de Sousa Alexandre – aluna da EJA + QUALIFICA, EEEFM Estado da Bahia

Um assunto sério que muitas vezes não tem a nossa atenção.

Numa pequena cidade do interior do Ceará morava uma mulher chamada Maria Luíza, mais conhecida como Malu. Era uma jovem muito bonita. Estava no auge de seus 25 anos e muito bem casada há alguns anos com um rapaz chamado Paulo.

Eles viviam muito bem e apaixonados. Já tinham realizado muitos sonhos e projetos juntos. O último destes projetos havia sido o da casa própria e estavam bem estruturados financeiramente.

Como de um sonho, nasce outro, veio a vontade de aumentar a família e gerar uma vida daquele amor. No início foi aquela empolgação, aquela alegria e a vontade de terem um filho veio com tudo. Assim começaram as tentativas...

Mas se você pensa que foi fácil e rápido, se engana. Os meses se passaram e nada. A empolgação foi diminuindo e as frustrações chegando; o medo de não conseguir foi aumentando a cada dia, junto com a ansiedade. Enfim, o mar de rosas foi

se transformando numa chaga espinhosa...

Decidiram procurar um médico especialista. Submeteram-se a uma bateria de exames e então vieram os resultados. Pequenos problemas uterinos não impediam a gravidez de Malu, mas a tornava mais difícil. O caminho a seguir – apontado pelo médico era o seguinte: Malu passaria por uns tratamentos e adiante eles tentariam novamente.

A notícia os deixou arrasados por terem que atrasar a realização daquele sonho. Mas a vida se renova e a esperança, aos poucos foi retornando. Passado o período de tratamento, Malu não conseguia engravidar.

Aos poucos, o sonho virou uma ideia fixa. Começaram a viver em torno disso, o que lhes fazia muito mal. Particularmente Malu estava paranoica. E sua fixação aumentava quando recebia a notícia de que uma amiga engravidara pela primeira vez ou engravidara novamente, do segundo ou terceiro filho...

Isso a machucava

muito. Não era inveja, mas um certo sentimento de exclusão em relação a si mesma. “Será que eu não mereço viver a maternidade?” – pensava ela insistentemente. A insatisfação de Malu começou a intensificar-se de tal forma que se tornou depressão. Não tinha ânimo para nada. Essa situação levou o casamento deles a um certo desgaste. Paulo também sofria com isso e começou a beber. Fazia de tudo para não chegar à casa cedo e encontrar a Malu naquele estado – aquela cena – aquela mulher acabada, arrasada mental e fisicamente.

Por se gostarem muito, decidiram buscar força e auxílio, um no outro e ambos na religiosidade honesta. Sentaram, conversaram e chegaram à conclusão que quando se ama, tudo se compartilha e o fardo fica mais leve. Resolveram ter paciência e esperar, conscientes de que cada coisa no universo tem o seu tempo...

Lançaram-se à vida: trabalhavam, estudavam, saíam, namoravam, divertiam-se como os amigos.

bebezinho por sua mãe. Ela era viciada em drogas. Morava na rua, esquecida de sua família. Tinha sido estuprada e por causa desse estupro engravidara do Gabriel. Mas ela não tinha condições emocionais nem psicológicas de criar aquela criança.

Com todo amor do



Interesses especiais:

Cascavel (PR) é a cidade campeã em dar uma chance a crianças órfãs. De janeiro a abril de 2017, mais de 150 crianças foram adotadas em todo o Brasil. Só no estado do Paraná, 44 crianças e adolescentes foram adotados, mais do que o dobro do número registrado em São Paulo.

Fonte:

<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/04/numero-de-adocoes-dispara-no-brasil.html>



Aos poucos, o sonho virou uma ideia fixa. Começaram a viver em torno disso, o que lhes fazia muito mal. Particularmente Malu estava paranoica. E sua fixação aumentava quando recebia a notícia de que uma amiga engravidara pela primeira vez ou engravidara novamente, do segundo ou terceiro filho...

O CAMINHO DO AMOR

Certo dia Malu decidiu visitar um orfanato. Ao chegar ela ficou emocionada ao ver tantas crianças abandonadas, carentes de pai, de mãe, carentes de amor, de carinho... Foi então que intimamente ela decidiu que adotaria uma criança.

Na noite desta visita

Malu conversou com Paulo que inicialmente relutou. Malu argumentou e por fim o convidou a fazer uma visita ao orfanato com ela. Ele aceitou.

Ao chegarem, foram recebidos por um pequenino chamado Gabriel. Com três anos de idade, ele tinha sido deixado lá ainda



mundo Malu e Paulo foram recebidos por aquela criança. Ficaram emocionados com tanto carinho, com tanta inteligência. Gabriel era uma criança de ouro e conseguiu amolecer o coração de Paulo. Na verdade nem precisou de muita coisa. Bastaram algumas brincadeiras naquela tarde para decidirem que era ele, que o pequeno Gabriel era realmente o filho que eles esperavam.

O quanto antes deram entrada na justiça para adotar o Biel. Era assim que carinhosamente seus futuros pais passaram a chamá-lo. Malu inclusive comentava com suas amigas que não era à toa que o nome do pequeno era Gabriel, pois era um anjo, uma luz que Deus havia posto em sua vida. Era o seu “anjo Gabriel”.

Conseguiram a guarda daquele anjinho. Ele foi a felicidade deles e eles foram a felicidade dele. Os pais despediram no Gabriel todo amor que guardaram durante tantos anos de luta. A partir da chegada do Gabriel tudo foi tomando seu devido lugar naquela família.

ASSUNTO SÉRIO: HISTÓRIA DAS LEIS DE ADOÇÃO NO BRASIL

A história legal da adoção no Brasil nos remete ao início do século 20. O assunto foi tratado pela primeira vez em 1916, no Código Civil brasileiro. Depois da iniciativa, seguiram-se a aprovação de três leis (3.133/1957, 4.655/1965 e 6.697/1979) antes da chegada, em 1990, do inovador Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069), alterado depois pela atual legislação. O Dia Nacional da Adoção é comemorado em 25 de maio.

As alterações recentes trouxeram mudanças expressivas. Há pouco mais de 40 anos, somente casais casados poderiam ter filhos adotivos. Hoje, diversas decisões judiciais já asseguraram aos casais homoafetivos o direito a acolher uma criança, que terá os mesmos direitos, inclusive hereditários, de qualquer descendente biológico dos pais adotivos.

Mais do que uma atualização nos critérios para a adoção, a evolução da legislação nos últimos 20 anos

Depois de passados alguns anos, certo dia Malu começou a sentir umas coisas estranhas. Eram enjoos, tonturas e náuseas. Ela desconfiou mas ficou calada, com medo de se decepcionar e decepcionar o Paulo. Sem que o marido soubesse, foi fazer o exame. Foram os vinte minutos mais longos da vida dela.

Quando ela abriu o envelope e viu o resultado não conseguiu acreditar. Ela estava finalmente grávida! Malu chorou muito. Leu e releu o papel que ao final estava amassado, molhado com suas lágrimas.

Ligou ao Paulo e pediu que ele chegasse o mais cedo possível, pois ela e o Gabriel tinham um segredo para contá-lo.

Quando Paulo chegou, eles deram-lhe uma caixa enorme. Ele a recebeu e examinou, tentando entender do que se tratava.

- Abra papai, você vai gostar! - falou o Gabriel.

Quando Paulo abriu estava o exame feito pela Malu. Junto ao papel, um par de sapatinhos e uma roupinha

de bebê. Paulo ficou maravilhosamente chocado, sem fala, muito emocionado e feliz. Nesta noite, comemoraram muito...

Malu deu a luz a uma menina que se chamou Vitória. A família ficou completa.

Mesmo diante das atribuições, nunca devemos deixar de lutar!

A CONSTRUÇÃO DO AFETO

“Estamos lutando para que a criança tenha a condição de conviver em família em vez de ser enfiada em um abrigo e ficar ali até os 18 anos. É isso que acontece com muita criança. Ela não é adotada, mas vive em abrigos até a maioridade. E abrigo não é lugar de criar criança”, justifica Janete Aparecida Silva Oliveira, do grupo de apoio à adoção De Volta pra Casa.



Como explicou Fabiana -Gadelha, do Aconchego, os movimentos de direitos humanos e convivência familiar e comunitária, os grupos de apoio e os acadêmicos concordam que a adoção é possível, é para sempre, mas deve ser feita de maneira correta. “A adoção é um parto social. É mais uma forma de parto, assim como a cesárea e o parto natural. Nós, que temos filhos biológicos e por adoção, compreendemos essa igualdade. Temos é que propor e mostrar para a sociedade como construir uma relação de filiação, como garantir que o melhor interesse da criança seja atendido”, resume a mãe de Valentina, Miguel e Arthur, dois deles adotados.

O psicólogo pernambucano Luiz Schettini Filho, autor do livro *Compreendendo o Filho Adotivo* (1998), define muito bem a questão quando considera que os filhos (sejam biológicos ou adotivos) precisam sempre ser adotados — no sentido do afeto, do cuidado. “É o afeto dedicado a uma criança que faz dela um filho e constrói em nós a postura de pais.”

Fonte:
<https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/adocao/contexto-da-adocao-no-brasil/historia-das-leis-de-adocao-no-brasil.aspx>



Em “Meu malvado favorito”, as meninas Agnes, Edith e Margô são adotadas.